



Quinta do Assentista – Rua Elias Garcia, antiga Estrada Real

DAS QUINTAS E DOUTROS ENCANTOS RURAIS...

A cidade de Lisboa nunca se esgotou ou satisfez dentro dos seus limites. Sempre viveu dos arrabaldes. Enquanto centro do consumo, precisou e precisa de quem a abasteça de tudo e é dessas terras ditas subúrbios, que esse "tudo" vem, até ao mercado onde se fazem as trocas.

Terras que já Osberno escrevia numa carta-relatório acerca da conquista de Lisboa aos Mouros, nestes termos: «*Encontram-se depois, no arrabalde do nosso lado, e em cavernas abertas na encosta do monte, perto de 100.000 cargas de trigo, cevada, milho e legumes, mantimentos da maior parte da cidade...*».

E D. Afonso Henriques a quem Osberno e os cruzados vieram dar uma ajuda militar, também sabia disso. Sabia que nessas terras estavam as mil cargas de trigo, a cevada e o milho, mais os legumes que os mouros cultivavam a primor. Por isso, os deixou ali onde estavam, sem desperdiçar as suas capacidades de produzir o pão e aos seus lugares se chamou Arrabaldes, porque em seu árabe, eles se diziam "arrabad". E os dos "arrabad" ficaram como antes, com Mouros e Moçoárebos e com todas as suas coisas, que tinham, mais a alma que era a deles. Havia quem os chamasse de "çarhuius" que é como quem diz "saloios" e que quer dizer habitante dos campos. E quem lhes chamava assim era habitante da cidade, que era outra coisa bem distinta e sempre o foi. Uns e outros, os "çahroios" e os de Lisboa, tinham a sua identidade aí, marcada nessa diferença que não fez deles inimigos. Fosse por razões económicas ou outras, tanto faz.

O Termo dava à cidade um mínimo de auto-suficiência, fornecendo-lhe o pão, a carne, o vinho, o azeite, a fruta e as hortaliças de que carecia...

D. João I compreendeu como era bom ter um Termo assim, fértil e agradável à vista. E alargou-o de tal forma, que quase fez dele, o actual Distrito de Lisboa com perto de 2.500 km². Para que viessem de lá, ainda mais coisas para a cidade.

Séculos depois, quando Lisboa já era maior, mais cidade e mais cabeça do Reino, ainda essas coisas boas do Termo, se pagavam mais caras que as vindas de fora. Como aquelas galinhas do Termo que os lisboetas compravam a 140 réis e era se queriam galinha da boa... Senão, que comprassem galinha de fora por 120. O mesmo acontecia com o coelho do Termo, a perdiz ou o cabrito que sendo daí, custava 200 réis e sendo de fora, se encontrava a 150. E também por aí, pelo trabalho dos saloios nas suas hortas e nos seus campos, pelo carrear a diário das coisas até à cidade,



Pormenor duma elegante gruta romântica, na Quinta de S. Miguel, situada junto à histórica Estrada Real (R. Elias Garcia)

Lisboa se fez mais Lisboa. Por aí e pela lombada dos almocreves e pelos costados das pessoas, passou muita da fartura de Lisboa.

Fartura comprada e vendida, que a cidade é a troca, é a feira e é o mercado. A cidade é o saber andar de rua em rua e de porta em porta a apregoar o que é preciso. Mas é também o desprezo pelo camponês, aliás, pelo saloio, como por todos quantos não são do burgo urbano. É que o mundo é uma pirâmide que assenta bem o seu equilíbrio em cima desses camponeses. Só depois delas, é que estão os senhores e os que têm as riquezas e até o rei que é o vértice disso tudo. Por isso, os saloios se foram "proletarizando" porque assim é que estava bem. Que respeitassem a ordem estabelecida e as ordens que vinham da cidade. Porque a cidade é também poder e lugar para quem ordena. Sítio para as artes e os prazeres do belo. Para as casas a sério e para os palácios do conforto e do ter. O resto, o arrabalde ou o Termo, é o campo, é o rústico e o rural. O que vale é que é fértil e é a seu modo, aprazível e fresco. Mais saudável até. Tem muito arvoredo, tem bons ares e sobretudo está ali ao lado.

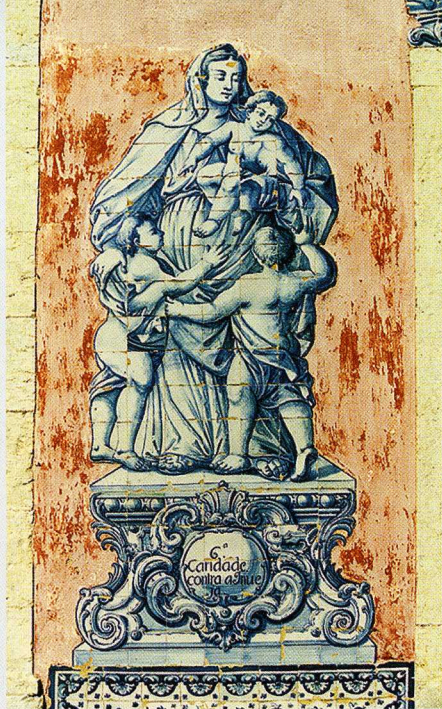
Em 1755, descobriu-se como o campo era seguro em comparação com a cidade onde a «terra começou a abalar com pulção do centro para a superfície, e,



Quinta da Damaia – recanto

... aumentando o impulso, continuou a tremor, formando um balanço para os lados, de Norte a Sul, com estrago dos edifícios, que, ao segundo minuto de duração começaram a cair...».

Quem pôde saiu da cidade e foram muitos os que preferiam sair e não voltar para refazer o que caíra. O campo era o espaço delicioso, ameno e seguro para as suas "falsas cidades" que se erguiam agora dentro dos muros das Quintas frondosas, rodeadas de pomares e jardins, com fontes abundantes de excelente água murmurejante, caíndo em cascatas de excelente fabrico. Tão artificiais que pareciam naturais. Como os palácios. A bem dizer, tratava-se de fazer o mesmo que, desde há muito se fazia por exemplo em Sintra. E, de Lisboa a Sintra, havia tanto espaço, tanto campo, tanta água e tanto bosque, que até parecia impossível como não se



Painel alusivo à Caridade contra a inveja – Quinta da Damaia

tinham lembrado antes, de para aqui trazer os palácios e as casas da cidade.

A zona de Sintra tinha também as suas tradições rústicas, aliás saloias, e a serra e as matas e as suas águas frescas e foi disso tudo que desde o século XVI se fez uma falsa urbe, ao jeito do veranejar da corte de D. Manuel, D. João III e de D. Catarina. Sintra passou a ser um estilo de viver, uma forma de estar no campo, estando na cidade. A esse estilo de viver e estar em Sintra, um arquiteto espanhol de 1626 chamou «gran recreacion de casas y jardines, donde passaban los Reys los beranos, por sus muchas frescuras... al pie de uma sierra que modeau apaçibles quintas...». (Gómez de Moura)

O que os reis e os nobres fizeram em Sintra, era agora a vez dos burgueses erguerem por todo o afamado Vale de Benfica. Bastava seguir a velha estrada de Lisboa a Sintra. Só que mais perto e mais à mão de quem vai e vem. De quem já tem mais que fazer em negócios citadinos. Logo ali na Buraca ficava a "Quinta do Pedro Caetano". Em 1756 foi para lá viver um tal Pedro Caetano Brune Pimentel com sua esposa D. Mariana Catarina de Pastori e mais 22 criados. O negociante José António Lopes Pastor, ergueu mais tarde aí um bom palácio e um belo jardim. Aí veio a Infanta D. Maria Amélia e sua mãe,



Santa Casa da Misericórdia de Alfragide – Recanto decorado na antiga quinta, com água e fonte

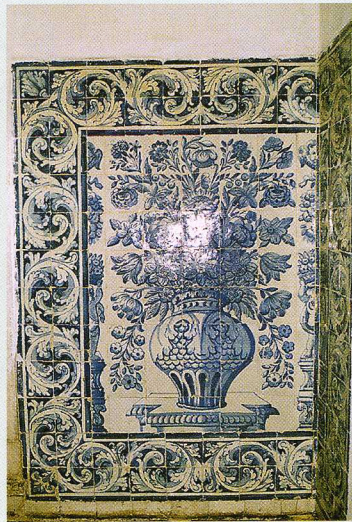
a viúva de *D. João IV*, passar os dias amargurados pela doença que a matou em 1853. Em 1873 pertencia a *José Maria Pastori* e dava pelo nome de Quinta do Mateísta. Foi do *Marquês de Fontes* e da Câmara, que a vendeu ao Patriarcado. Como esta, havia muitas outras. Chegaram a ser mais de 600 as quintas e as casas de campo, entre Lisboa e Sintra, e ao longo desta estrada de todos os percursos. Todas com excelentes histórias por contar, embora no que à área do nosso concelho diz respeito, tanto o *Pe Álvaro Proença* em seu tempo, como, mais recentemente *Anne de Stoop*, tenham já efectuado um trabalho fundamental e que aqui seguimos.

Estas residências na sua origem, ainda se parecem muito com as casas nobres do séc. XVII, mas a pouco e pouco, foram-se deixando inspirar na decoração barroca. Têm no geral dois pisos e as fachadas desenvolvem-se no sentido do comprimento, harmoniosas e ritmadas como para não desiludir os olhos que acabam de passar a entrada da quinta. E a entrada é essencial. Confere a marca da casa. Um pouco como a escadaria exterior que liga ao andar nobre e ao jardim.

Mas o que talvez seja a característica mais original destas casas, é a importância dada à Capela. As mais das vezes incorpora a fachada e é aí uma espécie de garantia dos favores do céu para com os que estão para lá dos muros altos. Por isso tem data de fundação e um pequeno sino a chamar os de fora para as horas de Deus e os de dentro à oração.

No interior também há coisas essenciais. Como a fachada com a capela, também as escadarias são essenciais. Depois vêm os tectos e os milhares de azulejos, intervalados a espaços branqueados, por vezes cobertos a tapeçarias ou grandes quadros. Os tectos de madeira, de traves, de caixotões, são quase sempre revestidos de pinturas barrocas ou neoclássicas que o tempo foi apagando na maioria das vezes. No tempo do *Marquês de Pombal*, um italiano de nome *Grossi* e seus discípulos, difundiram as técnicas das composições em estuque.

Era raridade, mas era sobretudo apropriado à criatividade. Permitia todas as



Azulejos em florão, na Quinta da Damaia

fantasias decorativas. Mas acima de tudo, estava o azulejo a formar painéis. No séc. XVIII, a temática usual do centro produtor de cerâmica de Lisboa inundou – felizmente estas casas de painéis de rara beleza.

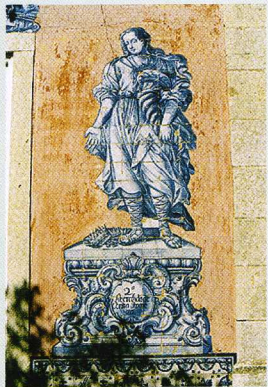
A decoração torna-se esplêndida e inspirada nos mais lúdicos motivos religiosos ou profanos.

Os azulejos de Lisboa, em grandes painéis, onde predominam os tons de azul e branco e depois as cores polícromas, tornam-se um meio ideal para as artes e o lugar para os artistas, antes de serem regalo dos olhos

em espanto de quem hoje os admira.

«Os motivos principais apresentam, sobretudo na primeira metade do século XVIII, dois tipos de temas distintos. Os menos onerosos, porque mais repetitivos, originários, de uma certa maneira, dos azulejos de padrão, evocam balaustradas, jarras, cestos floridos – Quinta de Piteus – assim como azulejos de figura avulsa, transposição rústica dos azulejos de Delft.

Os outros temas são cenas de carácter monumental, diferenciam-se totalmente dos motivos brilhantes, com os seus ritmos repetitivos e enfeitiçantes que caracterizavam os azulejos provenientes da tradição oriental mais contemplativa. Frequentemente inspiradas em gravuras, estas novas cenas rasgam o espaço em vastas perspectivas, povoando de personagens, tentando não só divertir, mas, de um modo mais intelectual, também explicar e convencer. O tom permanece sempre alegre, fazendo desses quadros extremamente pitorescos autênticos espelhos da vida da época, concebidos em função de um certo ritmo, feitos para serem vistos a



Painéis figurativos na Quinta da Damaia



Aspecto da Quinta da Damaia



Quinta de S. Miguel - imagem do lago interior com gruta romântica

distância, com um traço essencialmente simples e uma dosagem cromática bem calculada. Apreciadas nessas residências de campo, são as inúmeras cenas campestres, com galantes senhores e camponeses. A isto pode acrescentar-se, de uma maneira menos frequente, é certo, mas bem dentro do espírito deste século das Luzes, uma iconografia mais erudita inspirada de diversos géneros de alegorias, ou da mitologia, como as metamorfoses de Ovídio.

Os pintores utilizam-nas com grande habilidade, segundo algumas convenções, para decorar os muros muitas vezes ritmados com portas e janelas. Assim, muito naturalmente encontram-se, conforme o número de painéis, os temas seguintes: o Sol e a Lua, as Três Virtudes Teológicas, os Quatro Elementos – Paços dos Arcebispos -, os Cinco Sentidos – Quinta dos Marqueses de Pombal -, os Seis Deuses do Olimpo, as Sete Artes e Ofícios – Paço dos Arcebispos -, as Quatro Estações e os Quatro Continentes – Quinta do Outeiro -, as Nove Musas, os Doze Meses. Os assuntos religiosos, reservados às capelas, representam na maior parte das vezes, segundo uma temática destinada ao ensino, oriunda do Concílio de Trento, a Vida da Virgem, nas numerosas igrejas que lhe são consagradas. São mais excepcionais as evocações da Paixão de Cristo – Quinta do Bomjardim -, da Vida dos Santos – Quinta do Jardim – ou de cenas do Antigo Testamento – Quinta de Nossa Senhora da Vitória» (Anne de Stoop).

No século XIX, muitas destas quintas foram reconstruídas ou sujeitas a um processo quase paralelo ao da sociedade portuguesa. O triunfo dos liberais e das novas idéias, acelerou a queda até então lenta, dos velhos ideais de cultura aristocrática e religiosa. Os ingleses partilharam desse triunfo dos liberais

portugueses e acabaram por adquirir uma forma de estar na região, como se estivessem em casa própria. Daqui resulta uma nova arquitectura, mais cosmopolita, mas enraizada no passado pelas veias da estética romântica. É a vez dos decoradores e do interiorismo.

«A cor, o local, o ambiente, a atmosfera, são as palavras-chave dos decoradores desta nova clientela, ao mesmo tempo confortavelmente burguesa e romanticamente fascinada pelo regresso ao passado, mas sem deixar de apreciar, também, as viagens pelo vasto mundo. Intérprete ideal, a pintura a fresco retrata cenas da vida senhorial ao estilo trovadoresco, medieval – Quinta da Regaleira. Ela recria também, em "trompe-l'oeil", com arte, mas mais prosaicamente, esses elementos tão apreciados nos interiores – tapeçarias, cortinados "passemanteries" - Quinta do Assentista, Nova Assunção. Mas nos frescos, que reflectem melhor o desejo latente nesta época de viver em harmonia com a natureza, aparecem as amplas paisagens na tradição italiana, os vastos panoramas por vezes muito precisos... os muros parecem ter sido abolidos, o todo não é maior do que plantas trepadeiras, ramos carregados de folhagem, frutos e flores, carvalhos e glandes, vinhas e cachos". Entretanto os azulejos foram perdendo a sua tradicional clientela aristocrática e religiosa e não fôra ter emigrado para o Brasil onde ganhou fôlego e fortuna, não teria voltado a aparecer em torna viagem e nas fachadas completamente recobertas de algumas casas e quintas "à brasileira"...

Estava a chegar ao fim, uma história de quatro séculos na região de Lisboa.

Uma história que viu a cidade, mas só a cidade da casa nobre e senhorial, depois burguesa e apalaçada, mudar-se para os idílicos arrabaldes de si própria.